

## O ORNAMENTO NA ARQUITETURA ORGÂNICA DE FRANK LLOYD WRIGHT

Ana Tagliari<sup>1</sup> e Eunice H. S. Abascal<sup>2</sup>

### Introdução

Frank Lloyd Wright (1867-1959) foi um dos mais importantes arquitetos norte-americanos no século XX e um dos representantes da Arquitetura Orgânica. Sua herança artística inclui não somente projetos de arquitetura, mas projetos urbanos, mobiliário, artefatos artísticos, tais como vitrais, tapeçarias, painéis, artes gráficas e murais.

Escrito por Frank Lloyd Wright em 1954, o livro *The Natural House* revela a postura humanista do arquiteto norte-americano, preocupado com a economia e qualidade de vida do indivíduo. Neste livro, Wright expõe detalhadamente seus princípios orgânicos que norteiam os projetos das *Usonian Houses*, concebidas a partir da década de 1930.

Ornamento é motivo de discussão do arquiteto em várias páginas. Confrontar o texto do arquiteto, com sua obra construída revela significados inerentes e importantes para uma leitura e interpretação mais profunda.

Muito antes do século XX a questão do ornamento foi tratada, discutida e registrada em Tratados de Arquitetura e Construção como os escritos por Vitruvius, Alberti e Palladio. Seguindo uma tendência do século XVIII de organizar, catalogar e sistematizar conhecimentos em enciclopédias e catálogos, em meados do século XIX, em 1856, Owen Jones publica o livro “A Gramática do Ornamento”, que reúne diversos padrões clássicos de ornamentos de maneira organizada e classificada, configurando o mais célebre repertório de imagens ornamentais, como observa Gilberto Paim (2000, p.18), que desenvolveu uma pesquisa profunda sobre a questão do ornamento.

Alois Riegl no final do século XIX, em 1893, publicou *Questões de estilo: Fundamentos para uma história do ornamento* e organizou uma história do ornamento e padrões ornamentais, e se empenhou em estabelecer uma genealogia destes padrões, segundo Paim (2000, p.38).

O período em que entendemos como Moderno criou condições para novas posturas e entendimentos sobre a questão do ornamento entre arquitetos e artistas. Possíveis restrições no modo de pensar o ornamento promoveram novos olhares criativos sobre a questão.

Muito se escreveu, ou se declarou, sobre a questão do ornamento na Arquitetura Moderna. Um dos textos (uma conferência) mais conhecidos é o de Adolf Loos, “Ornamento e crime”, de 1910, que de certa maneira expressava um pensamento da Era Industrial do momento.

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo e PPGATC FEC Unicamp. Doutora em Arquitetura (FAUUSP, 2012)

<sup>2</sup> Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e PPGAU Universidade Mackenzie. Doutora em Arquitetura (FAUUSP, 2004)

Ainda no século XIX, e já expressando um pensamento moderno, John Ruskin afirmou que o ornamento era um elemento importante na arquitetura, desde que usado para conferir ao edifício determinadas características sublimes e belas, inspirado na natureza, com materiais apropriados, em locais adequados, e com a função de ensinar a ver e admirar a natureza divina. Além disso, na visão de Ruskin sobre o ornamento, este só teria valor se fosse considerado seu processo de construção, valorizando o trabalho do artesão e reagindo à repetição infinita proveniente da industrialização.

No século XX o ornamento passou por críticas, silêncios e também foi revisitado e debatido em diversas visões. No caso da arquitetura de Wright, o arquiteto escreve sobre o ornamento em seus textos e livros como em sua Autobiografia (1943), e destacamos em especial no livro *The Natural House* (1954). Em seus escritos o ornamento é encarado como uma qualidade inerente aos materiais que compõe o próprio edifício. As combinações entre materiais, cuidadosamente planejadas e desenhadas, de alguma forma compõe e desenhavam o ornamento em sua arquitetura. Nada é aplicado superficialmente ao edifício, mas é parte integrante do conjunto, configurando assim a continuidade e a plasticidade dos espaços e formas.

O ornamento integrado, segundo o arquiteto, seria simplesmente o padrão inerente ao material, que pode tanto ser visto num edifício como na estrutura de uma árvore ou de uma flor. Para Wright, os materiais deveriam ser usados de maneira a ressaltar suas qualidades, e este se torna o novo ornamento, o orgânico, um padrão abstrato da estrutura própria do material.

### **Os princípios orgânicos e o ornamento na arquitetura de Wright**

O arquiteto pormenoriza as características e os princípios que norteiam sua arquitetura de maneira muito intensa em suas publicações, particularmente no livro *The Natural House*. Destacamos seis princípios de sua arquitetura, que são detalhadamente explicados no livro, são: simplicidade, continuidade, plasticidade, integridade, natureza dos materiais e gramática, que nos esclarece muito sobre a questão do ornamento em sua arquitetura orgânica.

De modo breve podemos sintetizar uma definição destes princípios a partir dos escritos do livro:

**Simplicidade:** Uma expressão direta da qualidade e do que é essencial dos elementos em sua natureza inerente. Diretamente relacionada com a sua integridade e abolição de elementos que não façam parte da gramática do edifício e aqueles que sejam aplicados posteriormente (WRIGHT, 1954. 28).

**Continuidade:** é a estética e a estrutura do edifício numa unidade completa: “*“But were the full import of continuity in architecture to be grasped, aesthetic and structure became completely one (...)”* (WRIGHT, 1954. p.20-21). E a própria estrutura e os fechamentos do edifício não possuem elementos separados, e todos atuam conjuntamente: “*(...) post and beam in favor of structure continuity, that is to say, making the two things one thing instead of two separated things (...)*” (WRIGHT, 1954, p.47).

**Plasticidade:** é aquilo que notamos quando observamos a forma da casa. Neste caso forma e função é um só (WRIGHT, 1954, p.44-45), uma face estética da realidade física. Em sua obra, plasticidade deve ser vista como uma expressão da continuidade e integridade.

Segundo Wright, seu mestre Louis Sullivan utilizava o termo plasticidade para se referir ao ornamento orgânico de seus edifícios, ou seja, um ornamento que surge simultaneamente com a construção e não é *aplicado* nela. Wright utiliza a mesma ideia, porém agora no edifício como um todo e não apenas no ornamento integrado (WRIGHT, 1954, p.45).

**Integridade:** O conjunto do edifício é uma unidade, onde não há entidades separadas. A simplicidade natural do edifício orgânico se dá pela integração dos elementos que foram concebidos simultaneamente e atuam conjuntamente no todo único (WRIGHT, 1954, p.28).

A integração ocorre quando os elementos arquitetônicos, dos fechamentos à estrutura, atuam e apresentam igual importância: “*Walls made one with floors and ceilings, merging together yet reacting upon each other, the engineer had never met (...)*” (WRIGHT, 1954, p.47). Forma e função tornam-se uma só, tanto no projeto quanto na execução, de acordo com a natureza dos materiais e métodos propostos: “*Form and Function thus became one in design and execution if the nature of the materials and method and purpose are all in unison*” (WRIGHT, 1954, p.50).

**Natureza dos materiais:** O termo *natureza* dos materiais se refere à sua estrutura inerente (WRIGHT, 1954, p.60-61). Os materiais selecionados para compor o edifício irão determinar sua volumetria, as relações com o contorno e, especialmente, as suas proporções (WRIGHT, 1954, p.60-61). Devem ser usados de maneira a ressaltar suas propriedades e qualidades naturais (WRIGHT, 1954, p.116). Os materiais são a fonte de ideias para criação em arquitetura. Segundo Wright, o arquiteto deve aprender a ver o material e utilizá-lo de maneira *honest*, de acordo com suas características (WRIGHT, 1954, p.49; WRIGHT, 1955, p.101).

Apesar do apreço pelos materiais naturais, Wright tinha conhecimento das qualidades e possibilidades dos materiais de sua época como vidro e aço. O arquiteto defendia a união entre tradição e modernidade<sup>3</sup>.

O novo ornamento é um padrão abstrato da estrutura inerente ao material e pode ser manipulado pelo arquiteto de modo a ressaltá-lo (WRIGHT, 1954, p.63). Wright utiliza o termo “padrão natural”, mais adequado para definir um padrão abstrato inerente da estrutura do edifício que se faz visível pela habilidosa articulação do arquiteto (WRIGHT, 1954, p.65).

Wright acreditava que todos os materiais têm sua beleza e riqueza visual e que cada um possui sua linguagem e sua mensagem que depende da criatividade do arquiteto para ser compreendida (WRIGHT,

---

<sup>3</sup> Wright escreveu uma série de artigos para a revista *Architectural Record* tratando da importância de cada um dos materiais modernos e sua importância na arquitetura. Artigos importantes foram publicados no livro **In The Cause of Architecture**. Architectural Record Books, 1975.

1955, p.99). Sua combinação e a harmonia é resultado do estudo da lógica e da sensação provocada por cada um deles, que, segundo ele, afeta a escala e proporção do edifício (1975, p.154). Um trabalho de proporções, escala e harmonia entre os materiais.

**Gramática:** É a relação, organização e articulação formal e manifestação entre os vários elementos que constituem o edifício. É seu discurso, que é definido em grande parte pelos materiais adotados, além da geometria. É a articulação de todas as partes, o seu discurso materializado na forma arquitetônica. Todos os elementos têm relação entre parte e todo, e devem “falar” a mesma língua (WRIGHT, 1954, p.181).

O conjunto estabelece a integridade orgânica que forma a base de uma expressão de gramática consistente em sua arquitetura (WRIGHT, 1955, p.48).

Os princípios de sua arquitetura podem ser resumidos em uma só palavra: *orgânico*. Para Wright, orgânico referia-se a algo intrínseco, uma entidade, onde parte e todo atuam conjuntamente, de acordo com a natureza dos materiais e do propósito do edifício, que deveria transmitir um sentido de unidade (WRIGHT, 1953, p.12-19). O ornamento, orgânico, portanto, é uma característica inerente da construção.

Para o arquiteto, os termos orgânico, natural e integral seriam praticamente sinônimos. Uma unidade indissociável, onde forma e função não se separam: “(...) *the idea of life itself – bodily and spiritually – intrinsic organism. Form and function as one*” (WRIGHT, 1957. In: PFEIFFER, 2008, p.378).

Os materiais deveriam ser usados de maneira a ressaltar suas qualidades inerentes, e este se torna o *novo ornamento*, o *orgânico*, um padrão abstrato da estrutura própria do material, segundo o arquiteto. Cada material com suas propriedades, e sua variedade de combinações qualificam e modificam as formas e a proporção do edifício. Wright afirmou que quando usava o termo “*natural*” se referia à estrutura inerente a cada material, portanto edifícios distintos com mesmos materiais não necessariamente são parecidos ou iguais. Sua beleza dependeria de como o arquiteto os usaria (WRIGHT, 1954, p.48).

Edgard Kaufmann Jr. em seu texto de 1978 “*Frank Lloyd Wright: Plasticity, Continuity and Ornament*” observa que o ornamento na arquitetura de Wright está intimamente ligado aos princípios de plasticidade e continuidade, ou seja, é parte do todo integrado.

### **A teoria na prática: O ornamento orgânico na obra residencial de Wright**

Grande parte da obra construída de Wright são residências. Esta obra arquitetônica residencial é conhecida por se apresentar em três fases: As *Prairie Houses* (1900-1914), concentradas na região do subúrbio de Chicago; as *Textile Block Houses* (1917-1927), no sul da Califórnia, e as *Usonian Houses* (1937-1959), em todo território norte-americano, principalmente nos Estados de Wisconsin, Michigan e Illinois.

### **Prairie Houses**

Segundo Wright (1954), o que o incomodava nas casas do bairro onde morava era, sobretudo, os ornamentos falsos e aplicados. Em sua arquitetura os edifícios deveriam expressar suas próprias funções. Não deveria haver imitações ou falsidades, especialmente no que diz respeito aos ornamentos.

O vidro para Wright, deveria ser empregado em janelas, portas e no teto, eliminando a ideia de caixa fechada. O arquiteto defendia a utilização do máximo de vidros nas paredes para possibilitar a entrada de luz e ar natural. Neste contexto o arquiteto desenvolveu desenhos de vitrais exclusivos para cada projeto de residência.

Wright criou os vitrais coloridos com desenhos geométricos de abstrações da natureza. Os vitrais das residências projetadas por Wright, tema da pesquisa de Thomas A. Heinz (1994), filtram a luz natural e proporcionam uma iluminação diferenciada no espaço interior. São organizados de maneira sequencial, porém nunca como panos de vidro contínuo, o que proporcionava visuais diferenciadas e privacidade ao habitante, como observou Jack Quinan em sua pesquisa sobre a Martin House (2004, p.131).

O vidro possibilita enaltecer o espírito humano com a possibilidade de integração do espaço interior com o exterior, proporcionando ao edifício a sensação de clareza das formas e de liberdade (WRIGHT, 1954, p.53).

Além dos vitrais, na fase *Prairie*, Wright trabalhou de maneira artesanal o desenho e combinação entre os materiais, fazendo de seus ornamentos orgânicos um trabalho artístico.

### **Textile Block Houses**

A segunda fase da arquitetura residencial de Wright é caracterizada pelo uso de blocos de concreto texturizados, particularmente em residências na Califórnia. Esta região representou um novo território para Wright, com clima e disponibilidade de materiais diferentes dos conhecidos em Chicago. Como notou McCarter (1997, p.176), Wright criou o *Textile Block* com a intenção de estabelecer uma linguagem californiana, em que os blocos com a coloração predominante da região proporcionam o isolamento térmico do sol e do calor da região.

As residências *Textile Block* foram construídas com bloco texturizado e perfurado, composto de areia local, cascalho e cimento (WRIGHT, 1943, p.245) com desenhos geométricos criados pelo arquiteto.

Segundo Wright, os materiais naturais deveriam ser usados de maneira a ressaltar suas qualidades inerentes e este é o novo ornamento, orgânico, um padrão abstrato da estrutura própria do material. Cada material com suas propriedades, e sua variedade de combinações qualificam e modificam as formas e a proporção do edifício. (WRIGHT, 1954, p.48).

## **Usonian Houses**

No livro *The Natural House* Wright explora detalhadamente os projetos das *Usonian Houses*. O que notamos é um ornamento muito mais despojado e simples, porém rico do ponto de vista artístico. Como observou Bernard Pyron (1963. p.21), em algumas residências *Usonian* o trabalho nos tijolos expressa um primoroso exemplo de ornamento integrado à estrutura. Nas residências *Usonian*, além das combinações entre os materiais, suas formas e cores, Wright também desenhou abstrações geométricas a serem esculpidas na madeira que atuavam tanto como ornamentos integrados como também na ventilação e iluminação natural do espaço interno. “*Plasticity therefore dictated ornament as one structural or interior quality; its place was intrinsic. Yes. In architecture ornament should be organic in character!*” (WRIGHT, 1957. In: PFEIFFER, 2008. p.402).

A residência Loren Pope (Virginia, 1939) construída com os materiais característicos desta fase, como a madeira e o tijolo, apresenta ornamento orgânico. As tábuas de madeira foram deixadas ao natural, proporcionando um diferencial artístico. As texturas dos materiais naturais produzem desenhos que são filtrados pela luz do sol, tornando o ambiente interno da casa vivo e com movimento, integrado com o ambiente natural exterior.

Na residência Bernard Schwartz (Wisconsin, 1939) o espaço interno é banhado por luz natural filtrada pelas aberturas com desenhos geométricos esculpidos na madeira, e que configuram o ornamento orgânico.

Na residência Stanley Rosenbaum (Alabama, 1939) as diferenças de alturas entre as lajes, decorrente das variações de pé-direito nas áreas sociais e íntimas, proporcionam um grande perímetro para janelas altas (clerestório), onde se encontram os ornamentos orgânicos esculpidos na madeira, e que permitem filtrar a luz natural para o espaço interno.

A configuração do ornamento orgânico ocorre desta combinação de materiais ou entre diferentes como tijolos, madeira, vidro e concreto.

Além disso, nas *Usonian houses*, observa-se também um desenho cuidadoso de Wright nos artefatos artísticos dos ambientes como tapeçarias e mobiliário, que também podem ser considerados elementos importantes deste novo ornamento orgânico.

## **Discussão e considerações finais**

“*In our opinion the best architecture is that whose ornamentation cannot be divorced from the structure*”  
(VIOLETT-LE-DUC, 1995. p.209).

“*Here ornament would become a legitimate feature of construction*”  
(WRIGHT, 1955. p.227).

A partir das leituras, estudos da obra de Wright e visitas aos edifícios, podemos entender que o ornamento orgânico na arquitetura residencial de Wright não poderia ser um elemento aplicado, mas sim algo inerente aos materiais e formas que compõe os espaços.

Enquanto na fase *Prairie* os ornamentos orgânicos estão presentes especialmente nos vitrais das residências, na fase *Textile Block* e *Usonian* os ornamentos estão presentes nas texturas geométricas dos blocos de concreto e nas tábuas de madeira, respectivamente, ou seja, inerente ao material que estrutura o edifício.

Podemos notar que em todas as fases o ornamento orgânico pode ser visualizado nas combinações e encontro entre materiais, planos e elementos, além dos artefatos artísticos como marcenaria, mobiliário, tapeçaria e murais presentes nos espaços e formas das residências.

Os princípios orgânicos explicados pelo arquiteto em seus textos, são a base do entendimento da concretização deste ornamento. Na fase das *Usonian* a continuidade, plasticidade e integridade estão presentes de maneira muito mais evidente. O uso da madeira em grande parte do projeto e também no mobiliário integrado cria condições para que esses princípios sejam concretizados de forma muito clara. Nas *Usonian*, o mobiliário, os fechamentos, a estrutura, os ornamentos orgânicos formam uma unidade indissociável. A plasticidade do projeto pode ser observada em todos os ambientes e espaços, e a integridade consiste não só na unidade deste conjunto como também na integração com o exterior pela grande quantidade de vidro.

Sua simplicidade está presente nas formas, na geometria, proporção, no uso de materiais e suas propriedades, assim como nos ornamentos orgânicos e no modo de organizar os espaços.

A eliminação de elementos considerados supérfluos levou essas residências ao limite da simplicidade, mas sem perder a riqueza dos espaços e formas da arquitetura orgânica. Os ornamentos integrados à estrutura representam um modo sutil e criativo de se conceber artefatos artísticos com simplicidade. Os materiais utilizados por Wright definem a geometria e as proporções da residência.

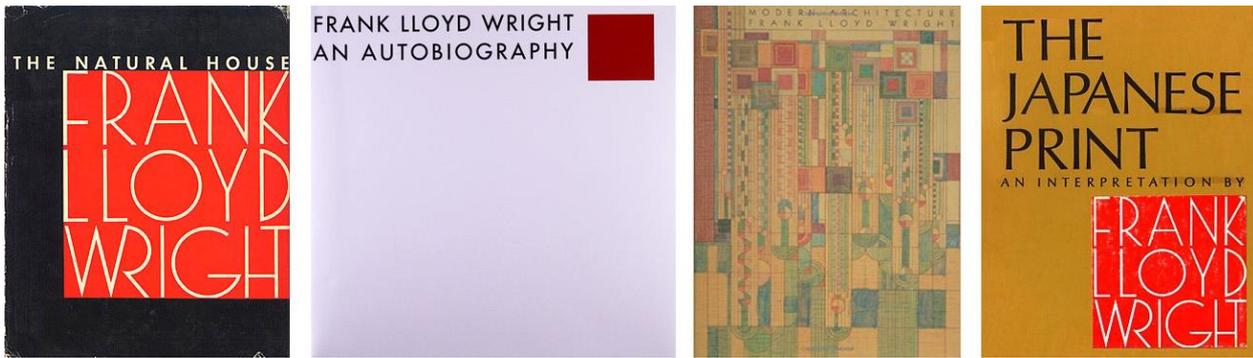


Figura 01: Capas de alguns livros escritos por Frank Lloyd Wright.

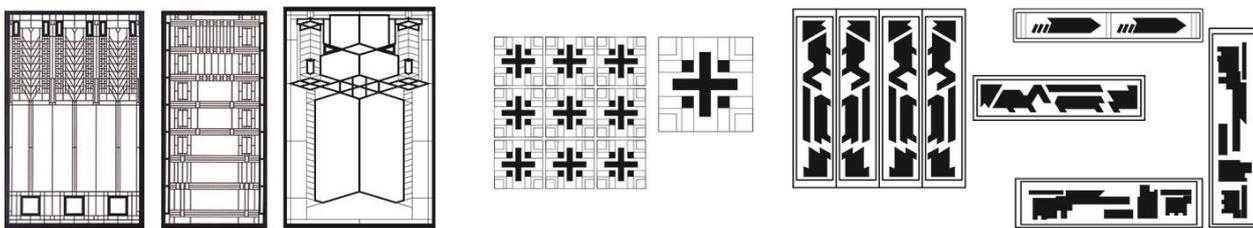


Figura 02: Desenhos dos ornamentos orgânicos nas três fases da arquitetura residencial de Wright. Vitrais *Prairie Houses* Martin e Robie; desenho no bloco texturizado La Miniatura; Desenhos na madeira *Usonian* Pope, Rosenbaum e Schwartz. Fonte: Re-Desenhos Ana Tagliari.

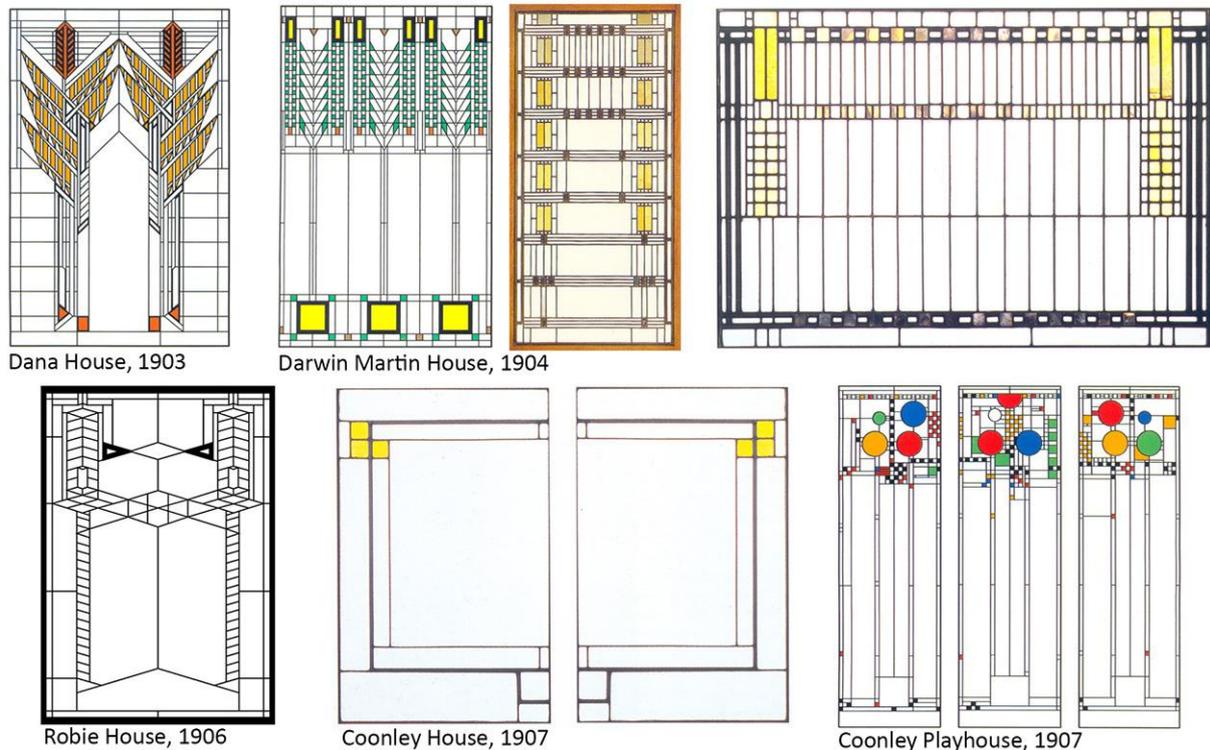
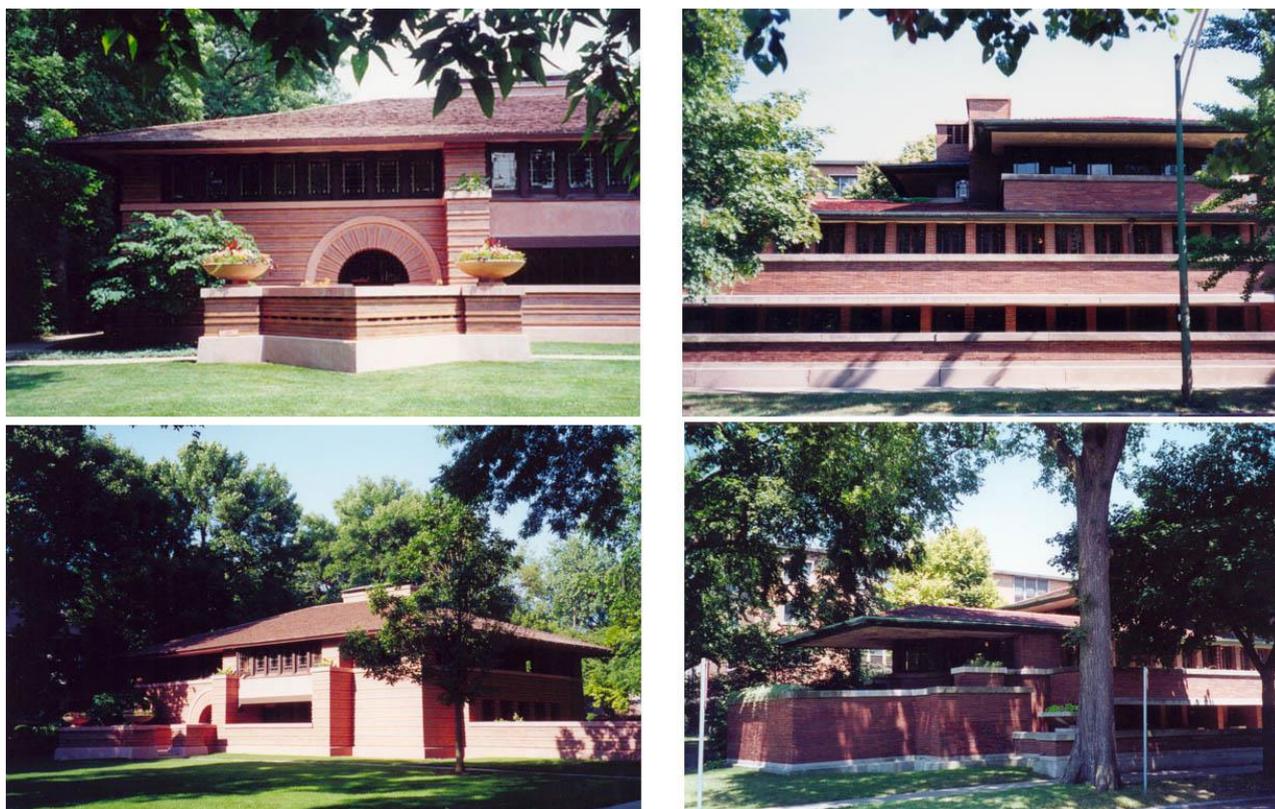
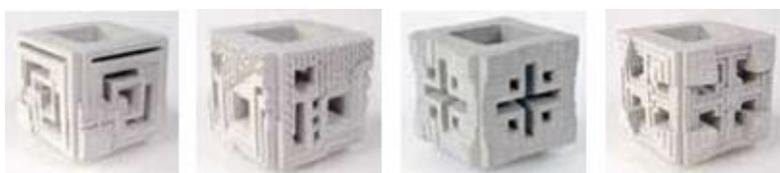


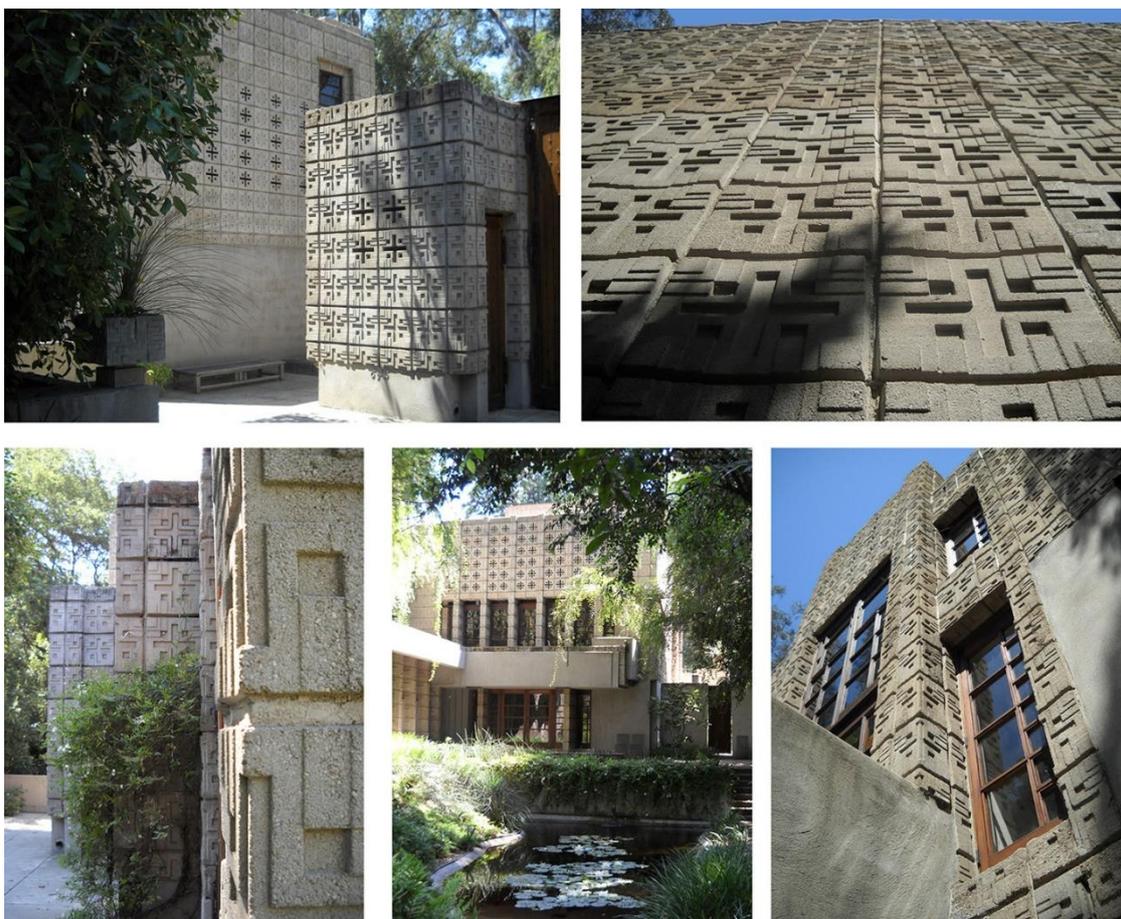
Figura 03: Alguns dos vitrais desenhados para as residências Prairie de Wright. Fonte: Pfeiffer, 1991; Heinz, 1994. Organização da autora.



**Figura 04:** Duas residências *Prairie*. Heurtley House (Oak Park, 1902) e Robie House (Chicago, 1906). Pode-se observar o cuidado e o desenho na combinação dos tijolos e materiais, sequencia de janelas com vitrais. Fonte: Foto Ana Tagliari, 2001.



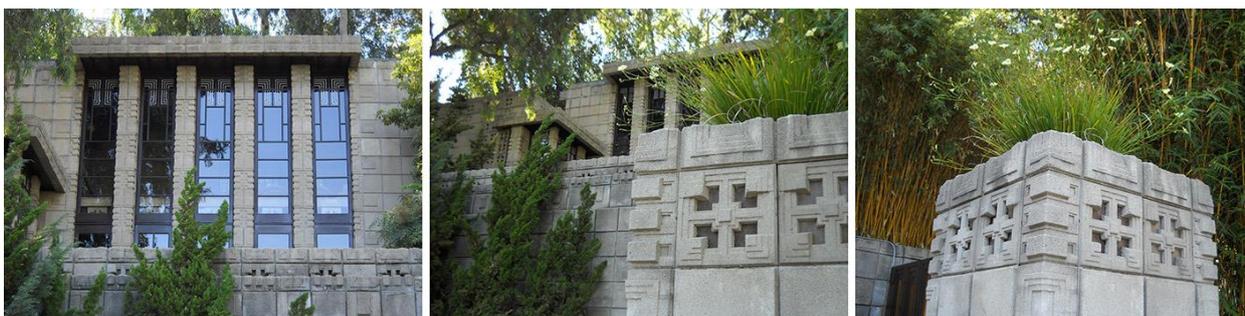
**Figura 05:** Blocos das residências da Ennis, Los Angeles, CA, 1924; Freeman House – LA – CA -1923; La Miniatura – Millard House– Pasadena-CA -1923; Storer House – LA – CA – 1923. Fonte: Pfeiffer, 1991.



**Figura 06:** Fotos da residência Millard, La Miniatura, Pasadena, CA. Fonte: Ana Tagliari, 2010.



**Figura 07:** Fotos da residência Freeman, Los Angeles, CA. Fonte: Ana Tagliari, 2010.



**Figura 08:** Fotos da residência Storer, Los Angeles, CA. Fonte: Ana Tagliari, 2010.



**Figura 09:** *Usonian Houses*: Pope, Jacobs e Rosenbaum. Fonte das imagens: Pfeiffer, 1991.



**Figura 10:** Sturges House, Los Angeles, CA, 1938. Fonte: Foto Ana Tagliari, 2010.

## Referências

- HEINZ, Thomas A. **Frank Lloyd Wright Art Glass**. London: Academy Editions / Ernst & Son, 1994.
- KAUFMANN Jr, Edgar. “FLW: Plasticity, Continuity and Ornament”. **The Journal of the Society of Architectural Historians**, Vol.41, No.3, 1982. p.232-237.
- McCARTER, Robert. **Frank Lloyd Wright - Architect**. London: Phaidon Press, 1997.
- PAIM, Gilberto. **A Beleza sob Suspeita. O ornamento em Ruskin, Lloyd Wright, Loos, Le Corbusier e outros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- PEVSNER, Nikolaus. **Os Pioneiros do Desenho Moderno: De William Morris a Walter Gropius**. 2ªed. - São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PFEIFFER, B. B. **Frank Lloyd Wright Selected Houses**. Tokyo: A.D.A. Edita Co.Ltd., 1991.
- PFEIFFER, Bruce B. **The Essential. Frank Lloyd Wright. Critical writings on architecture**. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- PYRON, Bernard. “Wright’s Small Rectangular Houses: His Structures of the Forties and Fifties”. **Art Journal**, v. 23, nº 1, 1963, p. 20-24.
- QUINAN, Jack. **Frank Lloyd Wright’s Martin House. Architecture as Portraiture**. New York: Princeton Architectural Press, 2004.
- TAFEL, Edgar. **Years with Frank Lloyd Wright. Apprentice to Genius**. New York: Dover Publications, 1979.
- TAGLIARI, Ana. **Frank Lloyd Wright Princípio, Espaço e Forma na Arquitetura Residencial**. São Paulo: Annablume Editora, 2011. 268p.
- WRIGHT, Frank Lloyd. **A Testament**. New York: Horizon Press, 1957.
- WRIGHT, Frank Lloyd. **An Autobiography**. London, New York and Toronto: Longmans, Green and Co., 1938. (Edição revisada e ampliada: San Francisco: Pomegranate Communications, Inc, 1943. London: Faber and Faber, and Hyperrion Press, 1945. New York: Horizon Press, 1977).
- WRIGHT, Frank Lloyd. **An American Architecture**. Edited by Edgar Kaufmann. New York: Horizon Press, 1955.
- WRIGHT, Frank Lloyd. **In The Cause of Architecture**. (coletânea dos artigos publicados na revista Architectural Record entre 1908 e 1928) Architectural Record Books, 1975.
- WRIGHT, Frank Lloyd. **The Natural House**. New York: Horizon Press, 1954.